

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 02/08/2019.

RUTH TAINÁ APARECIDA PIVETA

**ENUNCIADOS DA MÍDIA SOBRE MORTES DE JOVENS DA PERIFERIA:
uma análise a partir do jornalismo impresso**

**ASSIS
2018**

RUTH TAINÁ APARECIDA PIVETA

**ENUNCIADOS DA MÍDIA SOBRE AS MORTES DE JOVENS DA PERIFERIA:
uma análise a partir do jornalismo impresso**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis para a obtenção do título de Mestra em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientadora: Prof. Dra. Claudia Aparecida Valderramas Gomes

ASSIS
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

P693e

Piveta, Ruth Tainá Aparecida

Enunciados da mídia sobre as mortes de jovens da periferia: uma análise a partir do jornalismo impresso / Ruth Tainá Aparecida Piveta. Assis, 2018.

143 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientador: Dr^a Claudia Aparecida Valderramas Gomes

1. Juventude e violência. 2. Jovens pobres. 3. Jovens. 4. Periferias urbanas. 5. Jornalismo. I. Título.

CDD 301.4315

IRUTH TAINÁ APARECIDA PIVETA

**ENUNCIADOS DA MÍDIA SOBRE AS MORTES DE JOVENS
DA PERIFERIA: uma análise a partir do jornalismo impresso**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em PSICOLOGIA (Área de Conhecimento: PSICOLOGIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 02/02/2018

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Profa. Dra. Cláudia Aparecida Valderramas Gomes - UNESP/ASSIS



Membros: Prof. Dr. Leonardo Lemos de Souza - UNESP/ASSIS



Profa. Dra. Sonia Regina Vargas Mansano - UEL/LONDRINA

*Dedico este trabalho à juventude das
'quebradas' brasileiras.*

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa me ensinou um tanto de coisas e, entre tantas, aqui escolho dizer daquela que me forja pesquisadora: o pensar e produzir coletivo de uma Psicologia crítica, ética, política e implicada com a vida e com a afirmação das diferenças. Não pesquisamos sozinhos. Desde a questão que nos motiva às conversas compartilhadas em cafés, bares, aulas, atendimentos, tudo participa da produção do objeto pesquisado e também da nossa produção enquanto pesquisadores. Nesse sentido, alguns agradecimentos merecem ser feitos, com a intenção de perpetuar, neste trabalho, a coletividade que me compõe:

Agradeço à Claudia Aparecida Valderramas Gomes pela orientação desta pesquisa e por aceitar pensar e produzir comigo este trabalho.

À querida mestra e amiga Sonia Regina Vargas Mansano, por me acompanhar, de diversas formas, nas minhas aventuras de pesquisar, da iniciação científica à banca de defesa desta dissertação de mestrado.

Ao querido Leonardo Lemos de Souza, por me apresentar delicadezas teóricas e afetivas, por se permitir amigo e por aceitar fazer parte dessa minha trajetória acadêmica.

De forma muito especial, agradeço à minha querida Fabiane Muzardo, pela companhia bonita nesses tempos, por todas as conversas, leituras atentas, indicações, pelo afeto que nos atravessa.

À minha amiga, presente da UEL afirmado pela UNESP, Talita Machado Vieira, que tanto contribuiu nesse tempo de mestrado e que me lembra sempre o valor da amizade.

Ao meu sagui, Flavia Fernandes de Carvalhaes, por estar junto desde as perguntas iniciais que motivaram esta pesquisa, por compartilhar comigo as dores e as alegrias do trabalho com adolescentes e jovens e por me ensinar levezas.

Ao meu nego, Herbert Proença, amigo e companheiro nessa trajetória de mestrado, de estradas, de tardes de estudos despretensiosas e por me fazer poesia.

Aos professores e amigos, Paulo Roberto de Carvalho e Alexandre Bonetti Lima, pelas contribuições preciosas para esta pesquisa.

Às amigas e amigos londrinenses que estiveram e estão comigo, pensando e produzindo a vida com requintes de beleza, me ensinando sobre luta e militância, Valéria Barreiros, Danielly Sarzy, Roberth Miniguine Tavanti, Juarez Barbosa, Sara

Gladis Toninato, Sergio Fuji, Luciana Daefiol, Arielle Sversut, Mariana Borges, Luciana Alonso.

Às amigas e amigos da Pós-graduação, que fizeram desse tempo de mestrado um tempo de riso, beleza, acolhimento e aprendizado constante: Fabio Morelli, Molise Magnabosco, Carolina Villanova Heguedusch, Danielly Mezzari, Tassiana Carli, Alexandre Esposito, Juliana Bessa, Clarck Melindre, Tatiane Pecoraro, José Sterza Justo, Mariele Correa. Admiro vocês, minhas queridas e meus queridos!

Aos amigos e colegas de luta e militância da Secretaria Municipal de Assistência Social de Londrina, em especial à Maria Edna Chagas, Sandra Coelho, Sandra Nishimura, Ana Cristina Goés Fuentes, Nivea Polezer e Maysa Procopio Utyamada, por todo apoio pessoal e institucional durante esses anos.

À minha família, por me ensinar sobre raízes e voos. Em especial à minha avó, Maria de Lourdes Perez Piveta (*in memorian*), por desde pequena me fazer olhar as pessoas com delicadeza e por sempre acreditar que eu poderia ir além.

De forma muito especial, agradeço aos adolescentes e jovens que atendi e atendo no meu cotidiano de trabalho e que tanto me ensinam sobre resistências. Em especial, Gustavo (*in memorian*), para que nunca se esqueça, para que permaneça vivo.

Juventude viva! Juventude resiste!

*[...] quando eu me estreito no beco feito pros menino “p”
de (in)próprio
eu me perco
e peço por não saber nada
por não me saber geógrafa
invejo tanto esses menino mapa*

*percebe, esses menino desfilam moda
havaiana azul e branca e preta número 35 / 40 e todos
que é tamanho exato pro seu pé número 38*

*[...] os menino sabem nem escrever
mas marcam os beco tudo
com caquinhos dos tijolo
pcc! prucê vê, vê ... vê? num vê!*

*na quebrada do menino passa nem ônibus pro centro da capital
isso me parece um sinal
é tipo uma demarcação de até onde ele pode chegar*

*e os menino malandrão faz toda a lição
acorda cedo e dorme tarde
é chamado de função
queria casa
mas é fundação.*

*tem prestígio, não tem respeito
é sempre o suspeito de qualquer situação*

*“ceis” já pararam pra ouvir alguma vez o sonho dos menino?
é tudo coisa de centímetros
um pirulito
um picolé
um pai uma mãe
um chinelo que lhe caiba nos pés*

*aviso:
quanto mais retinto o menino
mais fácil de ser extinto*

*seus centímetros
não suportam 9 milímetros
esses menino
sentem metros*

(Luz Ribeiro, Menimelimitros)

PIVETA, Ruth Tainá Aparecida. **Enunciados da mídia sobre as mortes de jovens da periferia: uma análise a partir do jornalismo impresso**. 2018. 143f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2018.

RESUMO

Este estudo toma como objeto de análise a produção de enunciados pela mídia impressa sobre as mortes de adolescentes e jovens da periferia brasileira. A partir de uma perspectiva histórica, buscou-se analisar a relação entre discurso midiático e a produção de verdades e sentenças sobre essa parcela da juventude, tendo em vista que, em larga escala, a mídia, na contemporaneidade, tem assumido um estatuto de verdade em relação à temática aqui abordada, produzindo a ideia de periculosidade da juventude e a sensação de insegurança disseminada. Parte-se do pressuposto de que as imagens que vêm se articulando historicamente em nossa sociedade em relação à juventude pobre, incidem na produção de uma série de efeitos na vida desses jovens, culminando em práticas de violência e de morte, sendo tal prática de violência endereçada, principalmente, à juventude pobre, negra e habitante de territórios considerados periféricos. Nesta pesquisa, são analisadas notícias sobre assassinatos de jovens de quinze a vinte e nove anos veiculadas por um jornal impresso de uma cidade do interior do Paraná, utilizando como recorte o ano de 2012. A partir dessa análise, problematizam-se as formas como tais enunciados veiculados pela mídia legitimam práticas de exclusão e marginalização desse segmento da população.

Palavras-chave: Juventude e violência; Jovens pobres; Jovens; Periferias urbanas.; Jornalismo

PIVETA, Ruth Tainá Aparecida. **Statements by the media about the deaths of young people: an analysis from print journalism**. 2018. 143f. Dissertation. (Master in Psychology) – School of Sciences, Humanities and Languages, São Paulo State University (UNESP), Assis, 2018.

ABSTRACT

This study takes as an object of analysis the production of statements by the print media about the deaths of adolescents and young people from the Brazilian periphery. From a historical perspective, we sought to analyze the relationship between media discourse and the production of truths and sentences about this part of youth, considering that, on a large scale, the media in contemporary times has assumed a status of truth in relation to the theme addressed here, producing the idea of danger of the youth and the sensation of widespread insecurity. It is assumed that the images that are articulating historically in our society in relation to the poor youth, affect the production of a series of effects in the life of these young people, culminating in practices of violence and death, being this practice of violence addressed mainly to the poor, black and inhabitant of peripheral territories. In this research, we analyze news about the murder of fifteen to twenty-nine year old youngsters carried by a printed newspaper from a city in the interior of Paraná, using as a cut-off the year of 2012. Based on this analysis, we discuss the ways in which such statements formulated by the media legitimize practices of exclusion and marginalization of this segment of the population, as well as end up naturalizing and trivializing these deaths.

Keywords: Youth and Violence; Young poor; Young, urban peripheries; journalism

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplos de tipos morfológicos em delinquentes	27
Figura 2 - Grupo de menores ao chegarem à escola para serem matriculados	30
Figura 3 - Reportagem do jornal O Globo de 1925 sobre menino acusado de matar homem no centro do Rio de Janeiro	32
Figura 4 - Visita de deputados ao Instituto Macedo Soares, em São Gonçalo, que recebia menores infratores	36
Figura 5 - Jovens do Movimento estudantil durante a ditadura militar.....	41
Figura 6 - Notícia sobre sepultamento de jovem morto em conflito entre polícia e estudantes em manifestação	42
Figura 7 - Crianças e jovens do MNMMR ocupam a Plenária da Câmara para debater aprovação do ECA	44
Figura 8 - Jovem do MNMMR discursando em ocupação da Plenária da Câmara para debater aprovação do ECA	44
Figura 9 - A notícia da morte no jornal – recorte	87
Figura 10 - A notícia da morte no jornal – folha inteira.....	88
Figura 11 - A notícia da morte no jornal – folha inteira 2.....	89
Figura 12 - A notícia da morte no jornal – recorte 2	90
Figura 13 - A notícia em pequenas notas.....	91
Figura 14 - A notícia em pequenas notas 2.....	92
Figura 15 - Notícia de assassinato de um jovem trabalhador.....	93
Figura 16 - Notícia que aborda aspectos raciais	95
Figura 17 - Notícia-espetáculo	100
Figura 18 - Fotografia de homicídio.....	101
Figura 19 - Notícia sobre aumento de homicídios na cidade.....	102
Figura 20 - Fotografia de Homicídio 2	103
Figura 21 - Infográfico Mapa da Violência em Londrina	104
Figura 22 - Notícia de assassinato	109
Figura 23 - Notícia de morte de jovem suspeito	110
Figura 24 - Notícia do jovem criminoso	113
Figura 25 - Notícia de capa sobre violência policial.....	115
Figura 26 - Notícia sobre mortes cometidas por policiais	116
Figura 27 - Fotografia de um jovem morto	121
Figura 28 - Infográfico ‘Disputa de gangues’	122

Figura 29 - Notícia de morte de jovem não identificado	124
Figura 30 - Notícia sobre morte por disparo supostamente acidental	125

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Taxas de homicídios por AF no Brasil a cada 100 mil habitantes por idade (2014)	49
Gráfico 2 - Probabilidade de ser vítima de homicídio por idade, segundo a raça/cor	51
Gráfico 3 - Quantidade de notícias sobre mortes de jovens no Jornal Folha de Londrina no ano de 2012	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Enunciados articulados ao Eixo 1	98
Quadro 2 - Enunciados articulados ao Eixo 2	108
Quadro 3 - Enunciados articulados ao Eixo 3	120

LISTA DE SIGLAS

AF - arma de fogo

ANDI - Agência de notícias dos direitos da infância

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

FUNABEM - Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

MNMMR - Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua

SAM - Serviço de Assistência ao Menor

UNE - União Nacional dos Estudantes

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 RETRATOS DA JUVENTUDE DAS CLASSES POPULARES NO SÉCULO XX	22
2.1 Primeiro retrato: a juventude a ser tratada	24
2.2 Segundo retrato: a juventude a ser corrigida.....	30
2.3 Terceiro retrato: a juventude como questão social.....	38
3 IMAGENS CONTEMPORÂNEAS DA JUVENTUDE DAS PERIFERIAS: A VIOLÊNCIA EM CENA.....	47
3.1 A violência em números: quando a juventude é o alvo	48
3.2 A violência enquanto fenômeno social: atravessamentos subjetivos	54
3.3 Violência urbana: os modos de habitar a cidade	58
3.4 A violência autorizada: o jovem negro e pobre como suspeito por excelência ...	61
4 O DISCURSO MIDIÁTICO E A PRODUÇÃO DE VERDADES NO TECIDO SOCIAL	64
4.1 A mídia como prática discursiva	64
4.2 Mídia e jornalismo brasileiros: intencionalidades e parcialidades.....	68
4.3 A produção da noticiabilidade dos acontecimentos.....	71
5 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS.....	79
6 NOTÍCIAS EM CENA: AS MORTES DE JOVENS NO JORNAL FOLHA DE LONDRINA	87
6.1 A violência disseminada no tecido social: a sociedade do medo	97
6.2 Texto jornalístico – linguagem policial: crime e castigo	108
6.3 A banalização da vida e da morte	119
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS.....	134

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda como problemática um fenômeno que tem atravessado o cenário brasileiro de forma bastante expressiva nas últimas décadas: a violência letal cometida contra uma parcela da juventude do país, em específico, jovens pobres, negros e moradores de territórios considerados periféricos. Essa violência, fruto de relações históricas, tem sido, por uma série de estratégias e práticas, silenciada, legitimada e subnotificada. Por ela, as vidas perdidas tornam-se apenas números e porcentagens em dados estatísticos, geralmente noticiados por mídias locais.

O desejo em debruçar-me academicamente sobre essa questão parte de uma série de experiências advindas do cotidiano de trabalho como psicóloga na Política de Assistência Social. Nesse contexto de trabalho, são recorrentes os relatos sobre adolescentes e jovens assassinados – em seus territórios, em supostos confrontos com a polícia, em conflitos com outros jovens. Mortes que parecem ser naturalizadas e que, pouco ou nada, causam de comoção social; mortes que não têm visibilidade. Esses jovens que morrem carregam um estigma, uma marca de diferenciação, que os assinala como uma parcela da sociedade sob a qual a regra válida é a “lei da bala”¹ e para os quais, muitas vezes, existem somente dois destinos de vida possíveis: “o cemitério ou a cadeia”, como os próprios jovens costumam dizer.

Nessa trajetória de trabalho, dois acontecimentos marcaram a pesquisadora de forma expressiva, conduzindo às questões que aqui trabalharemos. Primeiramente, um adolescente que era por mim atendido foi assassinado em sua casa a tiros, na presença de sua mãe, de quatro irmãs e do padrasto. Em segundo lugar, com muita proximidade de tempo, vivenciei a morte de uma amiga de vinte e cinco anos, vítima de um tiro disparado por um policial militar. Ambos os fatos foram carregados de contraste quanto às formas de visibilidade e comoção: da amiga, notícias em âmbito interestadual, do adolescente, uma breve nota em um jornal policial da cidade onde ocorreu o fato.

¹ Como “lei da bala” aqui compreendemos a ideia, amplamente disseminada entre a burguesia conservadora de nosso país, de que para a resolução das questões sociais só haveria um caminho: a morte dos criminosos. Inclusive, vale ressaltar a existência de uma frente parlamentar que defende o armamento da população, apelidada de “bancada da bala”, que representa de forma emblemática esse discurso no campo político brasileiro.

À época desses acontecimentos, ficou evidenciada a questão de que a morte da amiga, branca, de classe média e artista – morte reclamada e vida reivindicada por um número expressivo de pessoas e coletivos – ultrapassava o campo das minhas relações pessoais e me levava a questionar quais os mecanismos que tornam algumas mortes mais sentidas do que outras em nossa sociedade.

Ao buscar alguns caminhos possíveis para pensar essa questão, nos apoiamos conceitualmente nas discussões sobre o conceito de enunciado ² em Foucault (2012a). Esse pode ser definido como “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2012a, p. 105). Trata-se de uma perspectiva da construção histórico-social dos discursos, tomando como pressuposto que o campo discursivo participa efetivamente da produção de saberes e práticas sociais disseminadas em determinado tempo histórico. Para o autor, em relação aos enunciados que circulam sobre determinado tema, há que se levar em consideração as formas como eles se conectam aos campos discursivos, como são construídos e imbuídos de significados a depender das relações estabelecidas no espaço-tempo. Nesse sentido,

trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 2012a, p. 34).

Desde essa perspectiva, os enunciados só podem ser compreendidos em sua relação com o tempo histórico no qual são originados. Pode-se dizer, portanto, que o enunciado é localizado, materializado, datado, múltiplo e variável, sendo que “para que se trate de um enunciado é preciso relacioná-lo com todo um campo adjacente” (FOUCAULT, 2012a, p. 118). A respeito dessa produção social dos

²No Dicionário comum da Língua portuguesa, *enunciar* significa exprimir, declarar, expor ou manifestar. Diz-se do enunciado como aquilo que é expresso ou declarado como proposição ou exposição. (FERREIRA, 2010). Em Filosofia, o termo *Enunciado* significa 1. Expressão lingüística de sentido completo, que é verdadeira ou falsa. 2. Qualquer expressão lingüística de sentido completo. Nesse sentido, mais estritamente gramatical, o termo indica não só a expressão declarativa (asserção ou proposição), como também as dúvidas, os comandos, as exortações, as apóstrofes, etc., frases que não podem ser declaradas verdadeiras ou falsas (ABBAGNANO, 2007, p. 390).

enunciados, intimamente relacionada à história e às relações de poder, pode-se afirmar que:

A produção do discurso em nossa sociedade é indissociável de uma série de procedimentos de controle, de seleção, de organização e de redistribuição dos enunciados e dos sujeitos, procedimentos estes voltados para afastar os poderes e os perigos do discurso, para dominar seu aparecimento aleatório, para esquivar sua própria materialidade (ALVAREZ, 1999, p. 74 ³ apud LEMOS; CRUZ; SOUZA, 2014, p. 8).

Os enunciados, portanto, são dispositivos políticos em uma sociedade. E, de certa forma, olhar com cuidado para as maneiras como são articulados para dar conta de certo fato social é, também, apreender algo de como essa sociedade enxerga e age em relação a esse fato. Logo, são acontecimentos discursivos atravessados por uma série de elementos histórico-sociais que os produzem. Diz Fischer:

[...] o enunciado em si não constituiria também uma unidade, pois ele se encontra na transversalidade de frases, proposições e atos de linguagem: ele é “sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (p. 32); trata-se de “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que (estas) apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FISCHER, 1996, p.105).

Deleuze, em seu livro chamado “Foucault”, afirma que o enunciado “é o “Diz-SE” como murmúrio anônimo” (DELEUZE, 1991, p. 28-29). Para além de quem diz, faz-se necessário pensar como essas práticas discursivas se atualizam, se produzem e reproduzem na vida social, e quais os efeitos sociais advindos dessas formas de dizer. Nesta pesquisa, apoiados por esses autores, analisamos os discursos e imagens, que circulam em um veículo de comunicação, sobre as mortes de jovens das periferias. Tomamos a mídia impressa como campo discursivo de análise, tendo em vista que essa, na atualidade, participa efetivamente na produção de saberes e verdades que circulam socialmente, junto a outros campos discursivos como o saber científico, por exemplo. Nesse sentido,

[...] mais do que “colocar no ar” uma série de enunciados de várias formações discursivas diferentes – formações que disputam, na sociedade, uma espécie de “hegemonia das significações – a mídia,

³ ALVAREZ, M.C. Michel Foucault e a ordem do discurso. In: CATANI, A.M.; MARTINEZ, P. (Org.). **Sete ensaios sobre o Collège de France**. São Paulo: Cortez, 1999.

suponho, constrói, reforça e multiplica enunciados seus, em sintonia ou não com outras instâncias de poder (FISCHER, 1996, p.123).

Ademais, a mídia pode ser tomada como um dos dispositivos que participa da formação de opiniões públicas nos distintos grupos sociais, pois dissemina, por meio de recursos discursivos e imagens, enunciados imbuídos de uma representação da “verdade”, sustentando e construindo sentidos e significações sociais (MENDES, 2013). Para tanto, lança mão de diversas estratégias, “processa discursos produzidos em múltiplos campos e re-utiliza saberes de outras autoridades” (HENNIGEN, 2006, p. 48).

Tendo em vista a perspectiva da historicidade tomada como premissa neste trabalho, alguns elementos históricos auxiliam na composição da questão da violência cometida contra a juventude no Brasil. A esse respeito, a historiadora Vera Malagutti Batista, em seu livro “Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro” (2003), realiza um trabalho de retrospectiva da construção da ideia do jovem criminoso e, conseqüentemente, perigoso a partir da relação da juventude do Rio de Janeiro com o narcotráfico. Nesse estudo, a autora evidencia a vinculação entre a pobreza, a exclusão social, as estratégias de punição da vagabundagem e a correção da juventude pobre e negra. E ainda nota que, desde a década de 1970, havia uma diferença no tratamento jurídico dado aos jovens de classe média em detrimento aos jovens das classes populares (BATISTA, 2003). Em relação a essa tese defendida pela autora, Alessandro Baratta, no prefácio do livro supracitado, afirma que

A história da criminalização dos jovens pobres do Rio começa no amanhecer da abolição da escravidão e termina com o início do grande processo de emancipação marcado pela Constituição e pelo Estatuto. No meio, está um século de desigualdade e discriminação, de autoritarismo e de manipulações urbanísticas, legislativas e policiais direcionadas ao controle repressivo e à guetização das sucessivas gerações de ex-escravos. Uma história que, através dos mecanismos sociais, políticos e culturais [...], e devido às razões acima expostas, ainda subsiste (BARATTA, 2003, p. 33).

Não obstante, ainda que a afirmativa acima se refira ao caso carioca, é possível estendê-lo para a sociedade brasileira como um todo, tendo em vista que as marcas da escravização e as desigualdades sociais compõem nossa história enquanto povo. Neste estudo, portanto, pretende-se retomar esses elementos históricos, que constroem uma imagem dessa juventude específica como signo de risco e perigo, e relacioná-los à mídia como dispositivo que tem produzido discursos

com estatuto de verdade em relação aos jovens das periferias. Discursos esses que acabam por justificar práticas violentas em relação a essa população, compreendendo que a mídia traduz, da forma como lhe convém, um conjunto de enunciados que participam da conformação dessa imagem acerca da juventude das classes populares.

Buscar compreender sob quais estratégias o extermínio da juventude brasileira tem sido justificado e legitimado torna-se assunto de extrema importância, tendo em vista que se trata de uma população que, ao menos no que está preconizado pelas legislações nacionais e internacionais, deveria estar sendo protegida e incentivada ao crescimento pessoal. O cenário posto nos mostra que essa proteção é seletiva e não se atualiza para todos como direito de fato. Assim,

Não podemos esquecer que há vítimas nas duas pontas, mas a vítima televisada é sempre a branca. Ocorre a exploração da dor e dos sentimentos para criar consensos sem debate, sem aprofundamento, com uma única versão, produzindo a criminologia do senso comum. Toda essa técnica de neutralização faz com que não nos identifiquemos com os pés negros, cheios de sangue, dentro daqueles lençóis (BATISTA, 2009, p. 219-220).

Tendo em vista que pesquisar implica em posicionamentos políticos, no sentido de um tensionamento de forças e de uma desconstrução de relações previamente instaladas, esta pesquisa justifica-se por trazer à cena a discussão dos enunciados midiáticos dessas mortes que têm sido expostas, neutralizadas, naturalizadas e/ou legitimadas na nossa sociedade. Justifica-se também por mapear e compreender os efeitos dessas práticas discursivas no cotidiano.

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar os modos como as mortes de adolescentes e jovens de quinze a vinte e nove anos ⁴, das periferias, são enunciadas na mídia impressa, a partir das notícias veiculadas pelo jornal Folha de Londrina, editado na cidade de Londrina-PR, utilizando como recorte o ano de 2012. Com base nisso, foram delineados quatro objetivos específicos, a saber: 1) Investigar como se constituiu historicamente a ideia da juventude perigosa no Brasil, tendo como marcadores as áreas de conhecimento ligadas à medicina, ao direito e à sociologia; 2) Problematizar a violência contra jovens no Brasil, tendo como parâmetros a raça, a classe social e a territorialidade; 3) Analisar a participação da

⁴ Trabalharemos com o recorte de 15 a 29 anos por se tratar da faixa etária compreendida como juventude a partir da Lei Federal Nº 12.852 de 2013, que institui o Estatuto da Juventude no Brasil e delimita qual a população a ser considerada jovem no território nacional.

mídia como produtora de verdades disseminadas e legitimadas no campo social e, por fim, 4) Dar visibilidade às maneiras como os enunciados veiculados pelo jornal analisado legitimam práticas de exclusão e marginalização desse segmento da população.

O trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, denominado “Retratos da juventude das classes populares”, buscamos situar historicamente as formas como, no século XX, práticas discursivas advindas de três campos científicos – medicina, direito e sociologia – se articulam na vinculação da juventude pobre à criminalidade e à transgressão, criando a imagem do jovem delinquente que deve ser corrigido, punido. O capítulo foi construído a partir de três retratos relacionados aos campos científicos mencionados: a juventude a ser tratada, a juventude a ser corrigida e a juventude como questão social. Cada um deles apresenta pontos convergentes, ligados à correlação entre juventude, pobreza e criminalidade. Apontamos que essa correlação, que vai se forjando discursivamente a partir dos três campos de conhecimento tomados em análise, exerce efeitos sociais de verdade, que acabam por legitimar a ideia de uma juventude potencialmente perigosa que deve ser tratada, punida ou, numa prática mais extrema, exterminada.

No segundo capítulo, intitulado “Imagens contemporâneas da juventude das periferias: a violência em cena”, realizamos um levantamento de dados estatísticos relacionados à violência letal cometida contra a juventude brasileira e, posteriormente, uma análise conceitual da questão das expressões da violência no tecido social. Os documentos analisados mostram que há um processo de extermínio da juventude em curso, que se intensificou a partir dos anos 1980, no qual o homicídio tornou-se a principal causa da mortalidade juvenil, sendo homens jovens negros e pobres os principais alvos dessa violência.

O terceiro capítulo, denominado “O discurso midiático e a produção de verdades no tecido social”, apresenta uma discussão sobre a mídia e o jornalismo impresso, compreendidos desde uma perspectiva histórica e como prática discursiva atravessada por interesses políticos, econômicos e de classe. A partir dos elementos discutidos no capítulo, é possível observar que a mídia dissemina uma série de enunciados que, articulados, conformam uma imagem em relação à juventude das classes populares, com contornos de homogeneidade e universalidade. Isso produz efeitos sociais significativos que vão desde a estigmatização dessa população à justificação de atos de violência e extermínio contra esses jovens.

O quarto capítulo apresenta os aspectos metodológicos, descrevendo a unidade de análise da pesquisa, os procedimentos que nortearam a coleta dos dados, bem como a organização e sistematização das notícias para auxiliar nas análises posteriores.

O último capítulo, “Notícias em cena: as mortes de jovens no Jornal Folha de Londrina”, apresenta as análises produzidas a partir das notícias sobre mortes de jovens encontradas no referido jornal. As análises são apresentadas em dois momentos: primeiramente uma exposição relacionada a aspectos diagramáticos, das formas como as notícias aparecem no jornal. Após, são apresentados os três eixos analíticos a partir dos quais os enunciados das notícias foram analisados, a saber: 1) A violência disseminada no tecido social: a sociedade do medo; 2) Texto jornalístico – linguagem policial: crime e castigo; 3) A banalização da vida e da morte. As análises apontam que a mídia tem contribuído significativamente na produção de silêncios, invisibilidades e indiferença social frente à morte de jovens a partir da utilização de estratégias discursivas que produzem, reproduzem e disseminam enunciados que reforçam imagens de periculosidade atribuídas aos jovens das periferias, apresentados como inimigos sociais que devem ser combatidos, controlados e, em última instância, eliminados.

Ao longo desta pesquisa, trouxemos à cena elementos históricos, estatísticos, imagéticos e textuais que mostram que, em relação à juventude pobre e moradora de territórios considerados periféricos, existe a disseminação de uma série de discursos que articulam suas trajetórias de vida à violência, à delinquência e ao risco social. Esperamos que, ao fim dessa dissertação, possamos apontar outros caminhos possíveis que permitam olhar esses jovens desde outros lugares.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de traçar as considerações finais deste trabalho assume um caráter de provisoriedade, uma vez que não se busca aqui desvelar ou produzir uma verdade. Produzimos saberes, provisórios e em movimento constante, haja vista a infinidade de caminhos que se podem trilhar com o objetivo de concluir uma pesquisa. Entendemos que uma pesquisa não se encerra nas suas conclusões, mas, pelo contrário, mantém-se pulsante em interrogações que nela nasceram e que reverberaram nos encontros incômodos com o cotidiano da problemática abordada.

Neste sentido, vale afirmar que a tessitura deste estudo foi forjada a partir de uma série de questões advindas do lugar social ocupado pela pesquisadora, que atua em políticas públicas e, mais especificamente, na Política de Assistência Social. O cotidiano de trabalho, aliado a leituras conceituais, se constituiu como força motriz para aventurar-se em questão tão violenta, de perguntar-se sobre as mortes de jovens das periferias no Brasil, sendo o desejo, em tela, compreender, ainda que parcialmente, quais as estratégias e os mecanismos que operam socialmente produzindo uma espécie de indiferença frente ao assassinato de jovens pobres no país.

“Por que algumas mortes violentas são sofridas e alardeadas enquanto outras caem no esquecimento?” ou “Como pode a gente achar comum, já quase como um destino, morrer tantos jovens pobres e negros no Brasil?” foram perguntas frequentes que se delinearam durante o processo de investigação e análise proposto neste trabalho. Essa população, antes de morrer, geralmente é direcionada aos serviços públicos de assistência social, ficando a cargo dos psicólogos e assistentes sociais a difícil tarefa de acolher, compreender e participar da elaboração dessas histórias de vida marcadas pela violência (PIVETA; MANSANO, 2014).

Ao realizar esta pesquisa se pretendeu responder a tais perguntas, desde o lugar da Psicologia Social. E foi a partir do discurso que escolhemos pensar essa questão, tendo a mídia como campo discursivo analisado e meio de produção dessa naturalização e silenciamento, com o auxílio de dois conceitos principais, enunciado e historicidade, que demarcam e costuram este trabalho. Durante toda a investigação, considerou-se que é no seio da história que se produzem as problemáticas sociais, bem como os discursos que se disseminam em relação a essas problemáticas. Por onde passamos e onde chegamos?

Primeiramente, a partir das discussões foucaultianas que inserem o discurso no campo das práticas sociais, foi possível analisar a articulação entre juventude, extermínio e enunciados midiáticos. Tal articulação auxiliou na produção de algumas possibilidades de análise da questão, já que a mídia, por seu papel de mediação, oferece aos seus leitores e consumidores versões de uma realidade produzidas a partir de intencionalidades marcadas por posicionamentos políticos específicos de uma classe socioeconômica.

Dessa forma, “o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta” (GREGOLIN, 2007, p. 16). No caso da enunciação das mortes de jovens, as análises produzidas neste trabalho apontam que no campo midiático, mesmo quando se noticia a morte de jovens das periferias, são marcados elementos específicos que fazem a vinculação dessa juventude a signos de risco, perigo e anormalidade, ligando suas mortes a uma violência que seria própria de sua natureza e de seu entorno.

Em segundo lugar, cabe ressaltar que a associação entre a juventude das classes populares e violência vem ocorrendo desde longa data no país, mantendo-se como condição de possibilidade para a emergência de enunciados que vinculam a morte dessa parcela da juventude à criminalidade e à anormalidade como algo natural. Os dados estatísticos analisados nos mostram os efeitos sociais dessa vinculação ao apontar que certa parcela da juventude brasileira tem vivenciado uma realidade de violência e extermínio, fato esse que é pouco discutido e problematizado para além dos espaços acadêmicos e de militância.

Ademais, de acordo com as estatísticas apresentadas, homens jovens negros e pobres têm sido os principais alvos dessa prática. Tal fato demonstra que essa violência não é aleatória, mas pautada por uma série de preconceitos e estigmatizações perpetuadas histórica e socialmente e que se produzem, inclusive, a partir dos enunciados midiáticos presentes nos mais diversos meios de comunicação: jornalismo, telenovelas, *blogs* e *sites*.

O terceiro ponto a ser sublinhado nesta finalização é que os efeitos de distanciamento e neutralização do leitor em relação à violência noticiada, operados por uma narrativa que lança mão de uma linguagem impessoal e descritiva, imprimem ao texto jornalístico efeitos de imparcialidade, veracidade e fidelidade ao fato ocorrido. Narra-se a morte como fato corriqueiro, lançando mão ainda de

jargões da linguagem policial, que localizam as mortes fora do circuito dos considerados “cidadãos de bem”, circunscritas a um grupo considerado marginal e popularmente julgado como criminoso.

Os efeitos de naturalização e aceitação social da violência são operados por estratégias de territorialização da violência e do uso reiterado da justificativa sobre o envolvimento com a criminalidade como causa e consequência principal da morte. Gregolin afirma que “as vozes que falam na mídia fazem eco a outros dizeres que vêm de outros lugares da sociedade” (Gregolin, 2007, p. 22). Neste sentido, ao articular envolvimento com o crime e a consequente morte, a mídia reitera discursos que legitimam a execução de pessoas em nome de uma ideia de justiça frente à criminalidade, compreendida não em sua complexidade de fenômeno social, mas como aspecto individual localizado no sujeito considerado criminoso. A juventude, nesse caso, se torna o inimigo social que deve ser combatido pela população “do bem”. O que notamos são efeitos de banalização e impessoalidade, produzidos por imagens e textos que, ao anunciar as mortes, se valem de elementos que objetificam e espetacularizam os corpos e as vidas dos jovens mortos noticiados.

Como quarto ponto, destacamos a exploração de elementos espetaculares nas descrições dos estados físicos em que foram encontrados os corpos e também o uso recorrente da imagem dos jovens mortos, na maioria das vezes, com o enquadre de mãos ou pés no local do assassinato. Suas mortes são profanadas, tratadas desrespeitosamente e reduzidas ao estatuto de fato banal, no sentido de que, ao fim de suas vidas, se tornam corpos estendidos no chão, pequenas notas em jornais e, posteriormente, números em índices estatísticos de violência.

Em relação à questão da violência cometida contra esses jovens, pobres e moradores de regiões periféricas e marginais, cabe sinalizar, como quinto ponto, que o homicídio se configura como o extremo de uma série de violências cotidianas, experienciadas no preconceito, nas práticas de exclusão, na ausência de serviços públicos de qualidade, na presença cotidiana e ofensiva dos aparatos militares das polícias nos territórios que ficam à margem dos centros urbanos, bem como na invisibilidade constante de suas trajetórias, que são reduzidas ao suposto envolvimento com o crime, tratando de forma estereotipada e generalizada esse recorte da população jovem brasileira. Reconhecemos aqui as experiências cotidianas de mortes simbólicas e reais que marcam esses corpos de maneira definitiva. Quando há crime, os dispositivos legais estão instituídos para que

providências sejam tomadas, ainda que possam ser questionadas em sua eficácia. Entretanto, em uma sociedade que se mostra cada vez mais ávida por castigo, a perseguição e o assassinato dessa população jovem, sem mediação legal, dá indícios de uma barbárie que, pode-se dizer, já se encontra em curso.

O cenário posto e analisado nesta pesquisa parece, em um primeiro momento, sufocante, sem saída e com poucas possibilidades de modificação. No entanto, com ensejos de conclusão deste trabalho, faz-se o convite de buscar, ainda que timidamente, algumas brechas e fissuras que nos guiem por caminhos possíveis na criação de novos olhares e produções discursivas a respeito desses jovens.

Assim, como sexto e último ponto, questionamos: Quais seriam as potências de vida que atravessam a realidade posta e a questionam, apresentando a multiplicidade dos modos de existência e as relações sociais que se materializam nas experiências desses jovens? Quais estratégias de resistência se produzem nesse cenário analisado e possibilitam a produção de enunciados outros em relação às vidas e às mortes da juventude brasileira? Como nos aponta Pelbart (2008),

quando parece que “está tudo dominado”, como diz um rap brasileiro, no extremo da linha se insinua uma reviravolta: aquilo que parecia submetido, controlado, dominado, isto é, “a vida”, revela no processo mesmo de expropriação, sua potência indomável (PELBART, 2008, p. 2).

Algumas estratégias já se delineiam no tecido social e, como exemplo, podemos citar aqui os movimentos sociais que denunciam, cotidianamente, as violências sofridas pelas populações das periferias, principalmente as juventudes; as chamadas literaturas marginais, produzidas por pessoas residentes nas periferias que acabam, por meio dos romances e poesias, trazendo elementos do cotidiano nas favelas brasileiras, produzindo outras possibilidades artísticas e literárias para além dos modelos clássicos pelos quais são enunciados; o movimento *hip hop*, que, politicamente, denuncia a partir da arte, do *rap*, dos grafites, as situações vivenciadas pelas juventudes das classes populares; alguns dispositivos midiáticos considerados ‘minoritários’ (*sites*, blogs, revistas) que disseminam e dão visibilidade a questões de violações dos direitos humanos e, neste contexto, noticiam inúmeras mortes de jovens das periferias de forma que, dificilmente, aparecem nas mídias tradicionais.

São experiências e estratégias em curso que apontam para as múltiplas possibilidades de narrar as trajetórias de vida desses jovens. Possibilidades que se apresentam para além das formas já estabelecidas e constituídas como verdades universais e inquestionáveis, fidelizadas por um público consumidor específico e, inclusive, respaldadas por alguns discursos e saberes científicos produzidos de forma descontextualizada.

Neste sentido, o presente trabalho, com seus limites relativos a uma dissertação de mestrado, abre-se para novas questões que priorizam o desafio de continuar interrogando: como pensar, coletivamente, práticas de sociabilidade e políticas de subjetivação que possam tecer caminhos para a invenção de outros tipos de relação com a população estudada? Como produzir olhares outros que destruam as formas hegemônicas por meio das quais tais jovens são vistos? Como repensar esse lugar de margem, geralmente ocupado por essa população, e fazer da própria margem uma potência na produção de outras relações? Como produzir saberes e discursos sobre a juventude e as periferias, a partir do lugar das ciências humanas que ocupamos, articulando um compromisso ético e político em relação aos saberes que produzimos?

Tais questões, longe de pretender respostas verdadeiras, estão aqui colocadas tendo em vista sustentar o incômodo decorrente de acolher a existência com suas complexidades, diferenças e desafios, podendo gerar outros estudos e análises. Quando a academia acolhe, sustenta e problematiza essas questões ela corre alguns riscos. O principal deles é dar visibilidade a uma esfera da organização social vigente que gera violência e distancia, cada vez mais, as populações localizadas em níveis socioeconômicos diferentes de nosso país. Talvez seja precisamente por isso que a academia (especialmente nas ciências humanas, sociais e artes) e também os movimentos sociais estejam sofrendo tantos ataques na contemporaneidade, advindos das corporações econômicas que disseminam, de maneira recorrente, a ideia de que as universidades devem servir exclusivamente às demandas do mercado. Mas os ataques advêm também do próprio Estado que, com suas políticas de austeridade econômica, diminui o fomento a pesquisas e investigações nessas áreas, em especial àquelas que se debruçam sobre os efeitos desastrosos do capitalismo sobre as populações por ele marginalizadas.

Ora, não estaria nessas interrogações, precisamente, uma possibilidade para levar adiante o exercício político a ser acolhido nas diferentes instituições sociais

que vão desde a academia, passando pela cotidianidade dos encontros, até chegar à grande mídia?

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

ABRAMO, H.W. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Escrita, 1994.

ABRAMO, H.W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6, p. 73-90, 1997. Número especial - Juventude e contemporaneidade. Disponível em: <http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/Blog_Direito_de_se_Diferente/Considera%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20a%20Tematiza%C3%A7%C3%A3o%20Social%20da%20Juventude%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 23 maio 2017.

ABRAMOVAY, M. et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers**: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. 200p.

ABRAMOVAY, M. et al., **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina**: Desafios para Políticas Públicas, Brasília: Unesco, BID, 2002. 192 p. Disponível em: <http://repositorio.minedu.gob.pe/bitstream/handle/123456789/1379/2002_Abramovay_Juventud%2c%20violencia%20y%20vulnerabilidad%20social%20en%20Am%C3%A9rica%20Latina%20desaf%C3%ADos%20para%20pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 12 dez. 2017.

AGAMBEN, G. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA (ANDI). **Balas perdidas**: Um olhar sobre o comportamento da imprensa brasileira quando a criança e o adolescente estão na pauta da Violência. Brasília: ANDI, 2001. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/andi/balas_perdidas.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.

AGUIAR, W.M.J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a06>>. Acesso em: 23 maio 2017.

AGUIAR, W.M.J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]**, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S2176-66812013000100015>>. Acesso em: 23 maio 2017.

ALMEIDA, S.S. Violência e direitos humanos no Brasil. **Revista Praia Vermelha**. Estudos de Política e Teoria Social. UFRJ/PPGESS, v. 1, n. 11, p. 40-66, 2004. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/praiavermelha/issue/view/Issue/758/268>>. Acesso em: 23 maio 2017.

ANDRADE, F.J.; ANDRADE, R. Raça, Crime e Justiça. In: LIMA, R.S; RATTON, J.L, AZEVEDO, R.G. (Org.). **Crime, polícia e justiça no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 256-264.

ANTUNES, E. Os tempos no discurso do jornal: fotografia, títulos e diagramação. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – UERJ, 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/145512281357671298800014883312243840938.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2017.

AZEVEDO, F.A. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, v. 12, n. 1, p. 88-113, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v12n1/29399.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

AZEVEDO, R. Menor que “isqueirou” dentista já tinha sido detido cinco vezes. Foi posto na rua pela Justiça, pelo ECA e pela frouxa lei antidrogas. Ou: Hora da Lei de Responsabilidade Moral! **Veja**, São Paulo, 30 abr. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/menor-que-isqueirou-dentista-ja-tinha-sido-detido-cinco-vezes-foi-posto-na-rua-pela-justica-pelo-eca-e-pela-frouxa-lei-antidrogas-que-alguns-bacanas-querem-ainda-frouxa/>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

BATISTA, V.M. **Difíceis ganhos fáceis**: Drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. 2ª ed. Prefácio de Alessandro Baratta. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BATISTA, V. M. Mídia e produções de subjetividade: questões da violência. In: **Mídia e psicologia**: produção de subjetividade e coletividade. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/07/livro_midiapsicologia_final_web.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2017.

BATISTA, V.M. A governamentalização da juventude: policizando o social. **Revista Epos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2010000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 set. 2016.

BEATO, C. A Mídia define as prioridades da Segurança Pública. In: RAMOS, S.; PAIVA, A. **Mídia e violência**: Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

BENITES, A.; JOSINO, J. Detido por morte de dentista foi solto pela justiça há a cinco meses. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 abr. 2013. p. C4.

BERGER, C. Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S.D. (Org.). **O jornal**: da forma ao sentido. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

BERNARDO, R. A construção da ameaça: juventude, delinqüência e educação nos primeiros tempos da república no Brasil (1890-1940). In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2008, Aracaju. **Anais eletrônicos...**

Aracaju: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação, 2008. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/386.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2017.

BRANDÃO, I.B.S.; JARDIM, T.S. Breve histórico da imprensa no Brasil: Desde a colonização é tutelada e dependente do Estado. **Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário UNIEURO**, Brasília, n. 14, p. 131-171, 2014. Disponível em: <[http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/hegemonia14/Iolanda%20Brand%C3%A3o%20e%20Trajano%20Jardim%20\(6\).pdf](http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/hegemonia14/Iolanda%20Brand%C3%A3o%20e%20Trajano%20Jardim%20(6).pdf)>. Acesso em: 06 out. 2016.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 02 jan. 2017.

BRASIL. **Código de Menores**: Lei nº 6.697 de 10 de Outubro de 1979. Brasília: Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6697.htm>. Acesso em: 17 ago. 2016.

CARDOSO Jr, H.R. Acontecimento e história: pensamento de Deleuze e problemas epistemológicos das ciências humanas. **Trans/formação**, v. 28, n. 2, p. 105-116, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v28n2/29417.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2016.

CARVALHO, P.R Violência e Submissão: a gênese da consciência. In: NETO, A.A.; MANSANO, S.R. (Org.). **Paixões tristes**: retratos contemporâneos. São Paulo: Via Lettera, 2012. p. 11-22.

CASSAB, C. Refazendo Percursos: Considerações Acerca Das Categorias Jovem e Juventude no Brasil. **Perspectiva**, Erechim, v. 34, n. 128, p. 39-51, dez. 2010. Disponível em: <http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/128_136.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2017.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da violência 2016**. Brasília: IPEA. 2016. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/160322_nt_17_atlas_da_violencia_2016_finalizado.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2016.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da violência 2017**. Brasília: IPEA. 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf>. Acesso em 12 dez. 2017.

CONCEIÇÃO, F. Medo da Cor na Mídia Impressa. In: OLIVEIRA, D.D et al. (Org.). **A cor do medo**. Brasília: Editora UNB, 1998.

CRUZ, E.P. São Paulo registra 15 chacinas este ano; número já é igual ao de 2014. **Rede Brasil Atual**, 01 out. 2015. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/10/sao-paulo-registra-15-chacinas-este-ano-numero-ja-e-igual-ao-de-2014-2444.html>>. Acesso em: 23 maio 2017.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

DIMENSTEIN, G. **A guerra dos meninos: assassinatos de menores no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FELTRAN, G.S. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FISCHER, R.M.B. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Porto Alegre, 1996. 297f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996. Disponível em: <http://repositorio.minedu.gob.pe/bitstream/handle/123456789/12/1996_Fischer_Adolesc%C3%A2ncia%20em%20discurso%20%20m%C3%ADdia%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20subjetividade.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 out. 2016.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder: Organização e tradução Roberto Machado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, v. 4, 1979.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardins Moraes. Supervisão final do texto Lea Porto de Abreu Novaes et al. Rio de Janeiro: Editora NAU, 2003.

FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso: Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. 2ª ed. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. 8ª ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2012a. 254p.

FOUCAULT, M. **Segurança, penalidade e prisão**. Ditos & Escritos VIII. Organização e seleção de textos Manuel Barros da Motta. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

FREIRE, S.M.F.; CARVALHO, A.S. Miatização da violência: os labirintos da construção do consenso. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 151-164, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3215/321527162011/>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

GODOY, A.S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

GOMES, J.C.L. Nota sobre o conceito de epistême em Michel Foucault. **Síntese Nova Fase**, v. 18, n. 53, p. 225-231, 1991. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/viewFile/1642/1973>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

GREGOLIN, M.R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

GRUPO FOLHA DE COMUNICAÇÃO. Nossa História. s/d. Disponível em: <<http://www.folhadelondrina.com.br/grupofolha/>>. Acesso em 05 nov. 2017.

GRUSZYNSKI, A.C. A forma que (in)forma: o projeto gráfico do jornal impresso na contemporaneidade. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2011, Recife. **Anais...** Recife: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/261437732_A_forma_que_informa_o_projeto_grafico_do_jornal_impresso_na_contemporaneidade> Acesso em: 12 dez. 2017.

GUARESCHI, N.M.F et al. Juventude e pobreza: a construção de sujeitos potencialmente perigosos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p. 19-34, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v64n3/v64n3a03.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, v. 6, 2000.

HENNIGEN, I. Subjetivação como produção cultural: fazendo uma outra psicologia. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 47-53, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/06.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.

HILARIO, L.C. Da Biopolítica à Necropolítica: Variações Foucaultianas na Periferia do Capitalismo. **Sapere aude - Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 194-210, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/11813>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

ÍNDICE DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA (IHA). Organizadores Doriam Luis Borges de Melo, Ignácio Cano. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2014.

JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007

LEMOS, F.C.S. et al. O extermínio de jovens negros pobres no Brasil: práticas biopolíticas em questão. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 1, p. 164-176, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000100012>. Acesso em: 05 nov. 2017.

LEMOS, F.C.S.; CRUZ, F.F.; SOUZA, G. Tecendo a trama histórica de análise dos documentos com Michel Foucault, Gilles Deleuze e Felix Guattari. **Revista do**

Difere, v. 4, n. 7, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/Revista7/Texto%20FI%C3%A1via%20Lemos.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.

LONDRINA. **Plano Municipal para a Infância e a adolescência**. Prefeitura do Município de Londrina, Londrina, 2014.

LOPES, R.E. et al. Juventude pobre, violência e cidadania. **Saúde e sociedade**, v. 17, n. 3, p. 63-76, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v17n3/08.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.

MARTINS, C.B. **O que é sociologia**. 38ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARTINS, A.L; LUCA, T.R. Introdução: Pelos Caminhos da Imprensa no Brasil. In: _____. (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELLO, S.L. A violência urbana e a exclusão dos jovens. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MENDES, G.L. O Mito da Periculosidade do Jovem na Mídia Impressa Goiana. In: XV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 2013, Rio Verde. **Anais eletrônicos...** Rio Verde: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013. Disponível em <<https://necrivi.cienciassociais.ufg.br/p/11938-o-mito-da-periculosidade-do-jovem-na-midia-impressa-goiana>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

MENORES suspeitos de assalto são mortos em confronto com a polícia. G1 Bahia, 08 dez. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2016/12/menores-suspeitos-de-assaltos-sao-mortos-em-confronto-com-policia.html>>. Acesso em: 06 maio 2017.

MISKOLCI, R. Do desvio às diferenças. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, n. 47, p. 9-41, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/43/36>>. Acesso em: 12 dez. 2017

MISSE, M. Sujeição Criminal. In: LIMA, R.S; RATTON, J.L; AZEVEDO, R.G. (Org.). **Crime, polícia e justiça no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2014. v. 45, p. 154-155.

MNMMR, IBASE, NEV-USP. **Vidas em risco: assassinatos de crianças e adolescentes no Brasil**. Rio de Janeiro: MNMMR, IBASE, NEV-USP, 1991.

MOREIRA, R. Descendencia do Alcoolista. **Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre**, v. 14, n. 14, p. 41-47, 1928. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/revistadoscursos/issue/view/2368>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

MOSCA, L.S. Subjetividade e formação de opinião na mídia impressa. In: GHILARDI, M.I.; BARZOTTO, W.H. (Org.). **Nas telas da Mídia**. Campinas, SP: Alínea, 2002.

MOTA, A. A fonte da juventude brasileira: Eugenia e saúde nos primórdios do século XX. **Diálogos, DHI/PPH/UEM**, v. 9, n. 2, p. 175-189, 2005. Disponível em: <<http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=156>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

MOTTA, L.G. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S.D. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

NASCIMENTO, M.L.; COIMBRA, C. A Produção de crianças e jovens perigosos: a quem interessa. **Direitos humanos não tem idade**. Rio de Janeiro: CEDECA/São Martinho, v. 20, 2008. Disponível em: <<http://www.infancia-juventude.uerj.br/pdf/livia/producao.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

NOGUEIRA, H.F. Imprensa e ideologia: o jornal Folha de Londrina e os conflitos entre proprietários e trabalhadores rurais em Londrina e região na década de 50. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 4, n. 2, p. 7-18, jul./dez. 1999.

OLIVEN, R.G. A violência como mecanismo de dominação e como estratégia de sobrevivência. In: **Violência e cultura no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/b8n7j/pdf/oliven-9788579820069-02.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

PAIS, J.M. A Construção Sociológica da Juventude - alguns contributos. **Análise Social**, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

PELBART, P.P. **Vida e morte em contexto de dominação biopolítica**. IEA/USP, 2008. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGELINA_PERALVA.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2017.

PEREIRA, L.R.B. A visibilidade da violência e a violência da invisibilidade sobre o negro no Brasil. In: ALMEIDA, M.G.B. (Org.). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

PEREIRA, P.G.P. Violência e tecnologias de gênero: tempo e espaço nos jornais. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 485-505, ago. 2009.

PIVETA, R.T.A.; MANSANO, S.R.V. O fazer como potência: atuação da psicologia no sistema único de assistência social. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 13, n. 2, p. 14-25, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v13n2/a02.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

RAGO, M. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social; Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 67-82, out. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v7n1-2/0103-2070-ts-07-02-0067.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2016.

RAMOS, S; PAIVA, A. **Mídia e violência: Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

RIZZINI, I.; LIMONGI, N.S. Percepções sobre violência no cotidiano dos jovens. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 33-42, jun. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802016000100033&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 out. 2017.

RODRIGUES, A.D. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S.D. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

SANTOS, E.C. **O lugar da escola para os adolescentes que cumprem medida socioeducativa em meio aberto**: expressões de direitos, de resistências e de reconhecimentos. 2016. 147f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

SILVA, C.R.; LOPES, R.E. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 87-106, jul./dez. 2009.

SILVA, L.A.M. “Violência Urbana”, Segurança Pública e Favelas - O Caso do Rio De Janeiro Atual. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 59, p. 283-300, maio./ago. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v23n59/06.pdf>>. Acesso em 06 set. 2017.

SILVA, L.A.M. Violência e ordem social. In: LIMA, R.S; RATTON, J.L, AZEVEDO, R.G. (Org.). **Crime, polícia e justiça no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA, M.P.; FRANCO, G.Y. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, v. 4, n. 8, UFGD - Dourados, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/941/575>>. Acesso em: 12 set. 2017.

SILVA, W.V.N. **Entre ruas que subjetivam, registros do governo da vida e da morte na cidade**. 2013. 166f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a Mídia?** São Paulo: Loyola, 2ª ed, 2005.

SOUZA, M.F.G. Dos campos de concentração às favelas brasileiras: a estratégia política soberana de gestão dos corpos na contemporaneidade. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E XI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/v_congresso/mr_45_-_marcelo_fonseca_gomes_de_souza.pdf>. Acesso em: 23 maio. 2017.

SOUZA E SILVA, J. **A violência da Mídia.** In: RAMOS, S., PAIVA, A. Mídia e violência: Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

SUDBRACK, U.G. O extermínio de meninos de rua no Brasil. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 22-30, mar. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-8839200400010004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 dez. 2017.

TAKEITI, B.A. Juventude(s), modos de subjetivação e violência: um diálogo com aportes de Michel Foucault. In: SPINK, M.J.P.; FIGUEIREDO, P.; BRASILINO, J. (Org.). **Psicologia social e personalidade** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, 2011, p. 59-75. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/xg9wp/pdf/spink-9788579820571-06.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2017.

TARRES, J.P.; MARTÍNEZ, M.; MANSANO, S.R.V. Corpos dóceis: novos contornos. In: NALLI, M.; MANSANO, S.R.V. **Michel Foucault: desdobramentos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

WEIZELFISZ, J.J. **Os jovens do Brasil: mapa da violência 2014.** Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>. Acesso em: 10 maio 2016.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência: Mortes Matadas por Arma de Fogo.** Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2015. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2017.

WAISELFISZ, J.J. **Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil** [Internet]. Brasília: FLACSO, 2016. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf>. Acesso em: 23 maio 2017.

YGARTUA, F. O medico nas escolas. **Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre**, v. 19, n. 19, p. 212-229, 1933, Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/revistadoscursos/article/view/48741>> Acesso em: 12 dez 2017.

ZALUAR, A. A ilusão dos jovens e o crime organizado. **Comunicação & Política**. v.1, n.2, dez. 1994/mar. 1995, nova série, p. 231-250.

Referências de domínio público

“Era eu ou eles’ diz jovem” - Folha de Londrina, Londrina, 09 maio 2012.

“Ex-presidiário é assassinado” Folha de Londrina, Londrina, 04 jun. 2012.

“Homem é executado a tiros em Londrina” - Folha de Londrina, Londrina, 20 jun. 2012.

“Jovem é morto no portão de casa” - Folha de Londrina, Londrina, 17 jun. 2012.

“Número de mortos por PMs crescem 140%” - Folha de Londrina, Londrina, 20 out. 2012.

“Quem tombou na guerra da Zona Oeste” - Folha de Londrina, Londrina, 11 out. 2012.

“Rapaz é executado em Cambé” - Folha de Londrina, Londrina, 01 maio 2012.

ANDRADE, L. E. “Homicídios crescem 82% em Londrina no primeiro trimestre” - Folha de Londrina, Londrina, 04 abr. 2012.

CARREIRA, F.; MARCONI, D. “Suposta brincadeira causa morte” - Folha de Londrina, Londrina, 17 out. 2012.

CARREIRA, F.; MARCONI, D. “Tiro na cabeça” - Folha de Londrina, Londrina, 17 out. 2012.

CHUEIRE Jr, R. “Homicídios crescem 66% na região” - Folha de Londrina, Londrina, 07 ago. 2012.

COSTA, M. “Homem é morto a tiros no Violim” - Folha de Londrina, Londrina, 15 jul. 2012.

CRUZ, L.F. “Número de mortos pela PM supera 2011” - Folha de Londrina, Londrina, 20 out. 2012.

GONÇALVES, E.; OGAWA, V. “Seis são mortos em apenas três dias em Londrina” - Folha de Londrina, Londrina, 04 out. 2010.

MONTEIRO, P. “Motorista assassinado no Mister Thomas” - Folha de Londrina, Londrina, 21 dez. 2012.

MOURA, L.F. “88% dos mortos em confronto são negros” - Folha de Londrina, Londrina, 29 dez. 2012.

ORIKASA, M. "Território cercado pelo medo" - Folha de Londrina, Londrina, 15 out. 2012.

ROMAN, M. "Corpo é achado por trabalhadores" - Folha de Londrina, 01 fev. 2012.